

IGREJA ORTODOXA GREGA SÃO NICOLAU



KALO MINA

Informativo mensal da Comunidade Ortodoxa Grega São Nicolau, de Florianópolis

DIVINA LITURGIA

Aos Domingos, às 10h00,
precedida de Ofício de Matinas
(Orthros) às 09h00

EXPEDIENTE

EDITOR

Pe. André Sperandio

WHATSSAPP

(48) 9 8456 7000

E-MAIL

info@igrejasaonicolau.org

WEB

www.igrejasaonicolau.org

ENDEREÇO

Rua Tenente Silveira, 494
CEP 88010-301 – Centro
FLORIANÓPOLIS – SC
(Brasil)

SACRA ARQUIDIÓCESE DE BUENOS AIRES E AMÉRICA DO SUL

S.E.R. Dom Iosif

Arcebispo Metropolitano de
Buenos Aires, Primaz e
Exarca da América do Sul

Bispos auxiliares no Brasil:

S.E.R. D. Irineo de Tropaion
S.E.R. D. Meletio de Zela



Entre o Logos e a Philoxenia: tradição que se abre ao mundo.



Editorial Pastoral



Pe. André - Reitor

«Violência não é política»

Caríssimos irmãos e irmãs,

Uma notícia recente — o homicídio de um comunicador durante palestra universitária — gerou, nas redes, uma tempestade de reações: comentários de escárnio, celebrações, insultos. Diante disso, falemos, não de política, mas de Evangelho e ascese.

1) O mandamento que não muda

O Senhor nos deu um caminho claro: “*Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem*” (Mt 5,44); “*Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem*” (Rm 12,21). A tradição ortodoxa sempre ensinou que violência não é argumento e ódio não é virtude. Quem ama a verdade não precisa do punho; precisa da luz. Não celebramos a morte de ninguém: rezamos pelos defuntos e pedimos conversão aos vivos.

2) A tentação da desumanização

Quando reduzimos o outro a um rótulo (“o meu lado” vs. “o lado deles”), apagamos a face de Cristo no próximo. Essa é a raiz de muitos pecados públicos. A Igreja nos chama a reconhecer, até no adversário, um batizado, um filho amado por Deus, ou ao menos um homem criado à imagem divina. Sem isso, a conversa morre e sobra apenas a violência.

3) Indignação como espetáculo

Vivemos um ambiente midiático que premia o choque e a indignação. Algoritmos e manchetes nos oferecem caricaturas, não vizinhos; extremos, não a vida real. O discípulo de Cristo precisa de sobriedade: “*Guardai o vosso coração*” (cf. Pr 4,23). Ascese também é filtrar o que vemos, dizemos e compartilhamos.

ORAÇÃO:

Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, Tu que és a nossa paz, cura as feridas do ódio em nosso país e em nossos corações. Recebe em tua misericórdia os que partiram; converte os violentos; fortalece os que trabalham pela justiça. Guarda-nos de palavras que matam e dá-nos o espírito manso e humilde. Pela intercessão da tua puríssima Mãe, a santa Theotokos, e de todos os teus santos, tem piedade de nós. Amém.

Sob o manto da Theotokos, peçamos: “*Desarma, ó Boa Mãe, os desvarios do ódio; ensina-nos a ver, antes de tudo, a imagem de teu Filho em cada ser humano.*” Amém!

Para este mês, proponho práticas simples e firmes:

- 1. Oração diária pela paz** (Sl 50; pequena súplica) e, aos sábados, Triságion pelos defuntos desta tragédia e de tantas outras.
- 2. Jejum de indignação:** limitar consumo de notícias/em redes, evitando perfis e conteúdos que inflamem a ira.
- 3. Caridade na palavra:** antes de postar, perguntar: isto é verdadeiro, necessário e misericordioso?
- 4. Confissão frequente:** examinar se caímos em detração, insulto, difamação, desejo de vingança.
- 5. Obras de paz:** reconciliar-se com alguém; fazer uma visita, um telefonema, um gesto concreto de proximidade.
- 6. Sob a Proteção da Theotokos:** encerrar o dia com um “*Sob a tua proteção buscamos refúgio, ó Theotokos*” (p. 23 de nosso devocionário)

5) Para rezar e meditar

- Mt 5,1-12 (Bem-aventuranças, especialmente “pacificadores”)
- Rm 12,9-21 (Vencer o mal com o bem)
- 1Jo 3,11-18 (Quem odeia o irmão, já começou a matar no coração)
- Sl 33(34) (Busca a paz e segue-a)

6) Orientação paroquial para uso de redes sociais

- Não republicar imagens de violência nem links que explorem tragédias.
- Moderar comentários que desumanizam, insultam ou celebram a morte.
- Publicar chamadas à oração, à reconciliação, à escuta mútua e à verdade.

Eterna memória aos que partiram; misericórdia e conversão para todos nós. Amém.



Memória e Comunhão



Aniversários, onomásticos e datas marcantes que nos unem em oração e alegria.

Registros vivos da nossa comunidade: aniversários, onomásticos e datas marcantes que nos unem em oração e alegria.

“Lembra-Te, Senhor, dos vivos e dos adormecidos, pois todos vivemos para Ti.”

Outubro convida-nos a recomeçar com serenidade, entre os calendários da terra e do céu. Nesta coluna, recolhemos os aniversários, os onomásticos e as memórias de eventos que tecem nossa vida comum — sinais discretos de graça que alegram, consolam, honram e fortalecem os vínculos da comunidade.

Honramos, neste mês, **São Lucas**, (18/10) — médico e patrono dos profissionais da saúde. Com gratidão, lembramos os muitos médicos de nossa Colônia Grega de Florianópolis, pedindo ao Senhor que os sustente no serviço à vida.

Celebramos também o grande mártir **Demétrio (26/10)**, testemunha de coragem e fidelidade a Cristo.

No Brasil, outubro traz o **Dia da Criança (12/10)**: rezamos pelos pequenos de nossas famílias, para que cresçam “em sabedoria, estatura e graça” (Lc 2,52). E, unidos aos helenos e filo-helenos, recordamos o **“Dia do Oxi” (28/10)**, memória de coragem e resistência do povo grego, que ressoa também em nossa diáspora.

Que cada nome aqui lembrado — aniversariantes, onomásticos e benfeiteiros — seja como flor colhida no jardim da Igreja: sinal de vida, beleza e bênção para todos.

■ Neste mês, recordamos com gratidão:

- **02/10/2023** – há 2 anos, o adormecimento de **Dr. Savas Apóstolo Pítsica**, em Florianópolis.
- **09 e 10/10/2001** – há 24 anos, a primeira Visita Pastoral de D. Tarasios à Paróquia São Nicolau de Florianópolis.
- **13/10/2021** – há 4 anos, o adormecimento da **Sra. Vilma Cardoso**, em Florianópolis.
- **14/10/1997** – há 28 anos, o adormecimento em Curitiba-PR, do **Sr. Theodócio Jorge Atherino**, casado com D. Magdalena Joanides Atherino.
- **19/10/2019** – há 6 anos, o adormecimento do **Sr. Efstatios Georgios Anastasiadis**, em Laguna-SC.
- **22/10/2010** – há 15 anos, Bodas de Cristal pelos 15 anos de matrimônio de **Renata Diamantaras e Luis Fernando Gil**.

Que a memória dos justos seja eterna.
Χρόνια Πολλά σε όλους!

Aniversariantes

- 6 — Victor (Tobias) Garcês Soares;
- 6 — Luísa Pítsica Tambosi;
- 7 — Cynthia Napoli;
- 7 — Noeli Silva Pereira;
- 11 — Ricardo Piazza;
- 11 — Danielle Pavinato Moretto;
- 14 — Sumela A. Diamantaras Mallmann;
- 16 — Gabriela Cavalcanti Verçoza;
- 19 — Evdokia Kotzias;
- 19 — Eduardo Felipe Corrêa De Souza;
- 20 — Luiza Schneider Zupan;
- 23 — Lourenço (Gustavo) Mazurechen;
- 24 — Mateus Aranha Martins;
- 26 — João Cassiano (Francisco) Da Silva;
- 30 — Sverre Lucas Cordeiro Foldoy.



Onomásticos

Alguns onomásticos comemorados em Setembro

- 3 — Dionísio; Dionysios;
- 7 — Sérgio;
- 14 — Gervásio;
- 15 — Luciano; Luciana;
- 18 — Lucas (Luca);
- 19 — Joel;
- 23 — Tiago (Iákovos);
- 26 — Demétrio;
- 28 — Demóstenes;
- 29 — Anastásia;
- 30 — Cláudio; Cláudia.



JUL
17

Calendário Litúrgico Ortodoxo



O tempo sagrado da Igreja, mês a mês.



28 de outubro: Festa da Proteção da Theotokos (Skepí)

*Nós exaltamos, ó Virgem, a grande graça da tua Proteção:
Tu a estendes sobre nós como nuvem luminosa,
e proteges o teu povo, ó Theotokos,
de toda insídia dos inimigos.*

*Pois Tu és abrigo, proteção e auxílio, ó cheia de graça, Soberana.
Glória ao teu grande ornamento; glória à tua divina Proteção;
glória ao teu cuidado e providência para conosco, ó Puríssima!*

(Apolittikion da Proteção da Theotokos - Modo 1º).

A memória da Proteção da Theotokos recorda a aparição da Santíssima Virgem na igreja das Blachernae (Constantinopla), nos meados do séc. X. Vista por Santo André, o Louco por Cristo, e por seu discípulo Epifânio, a Mãe de Deus estendeu o seu véu sobre o povo em oração — sinal de que intercede e guarda os fiéis contra inimigos visíveis e invisíveis.

Originalmente celebrada em 1º de outubro em toda a Igreja, a festa ficou especialmente amada no mundo eslavo (“Pokrov”). Na Grécia, por razão histórica e catequética, celebra-se em 28 de outubro, no mesmo dia do Óchi (“Não”), quando o povo grego recorda a sua firme defesa da liberdade. Assim, a devoção à Proteção da Theotokos une fé e gratidão nacional, sem confundir os planos: pede-se a paz de Deus para todos.

Em muitas paróquias da Grécia, após a Liturgia, faz-se doxologia pela pátria e pelos que servem o bem comum.

A Proteção da Theotokos ensina-nos a refugiar-nos sob o seu manto: cultivar a oração, a sobriedade e a caridade; rejeitar a violência e o rancor; dizer “não” ao mal e “sim” a Cristo.

Confiando, pois, na sua intercessão, peçamos:

“Santíssima Theotokos, protege a tua Igreja e guarda-nos em paz.”

JUL
17

Domingos Litúrgicos

- **5/10:** 2º Domingo do Evangelho de São Lucas.
- **12/10:** Domingo do VII Concílio Ecumênico.
- **19/10:** III Domingo do Evangelho de São Lucas.
- **26/10:** VI Domingo do Evangelho de São Lucas.

Outras comemorações

- **Dia 6:** O Santo e Glorioso Apóstolo Tomé;
- **Dia 9:** Apóstolo São Tiago, o Filho de Alfeu;
- **Dia 12:** Dia da Criança;
- **Dia 16:** São Longinus, o Centurião;
- **Dia 18:** São Lucas, Evangelista;
- **Dia 23:** Santo Apóstolo Tiago (Jacob), Irmão do Senhor;
- **Dia 28:** Proteção da Santíssima Theotokos.



Filóptokos

“Mãos que servem com amor, corações que sustentam a Igreja.”

Fé, serviço e memória viva

Nesta edição de outubro do Kaló Mina, publicamos algumas fotografias históricas de convívios (lanches) realizados na residência de nossa estimada e saudosa **D. Déspina Spyrides Boabaid**, gentilmente cedidas por sua filha **Lylian**. As imagens ainda não possuem legenda. Convidamos, pois, os membros da comunidade a enviarem suas contribuições, para que possamos juntos completar este registro com as respectivas legendas — identificando as pessoas presentes, as datas e as circunstâncias — preservando, assim, a memória de nossa paróquia.



Fila da frente: Maria de Lurdes Apóstolo, Déspina S. Boabaid, Lylian e o filho Leonardo, Sebasti Dimatos, Maria Emília Kristakis e Terezinha.

Segunda fila: Cristina Kosmos Comninos, Helma Mussi, Catina Kotzias, Isodia Szpoganicz, Eudóquia Atherino Schmidt e Magda Kaili Santos.

Terceira fila: Anastácia Nicolacópulos, Zilda Goulart, Elda Damiani, Ketti Merlin, Vilma Cardoso, Helena Ferrari, Maria Kotzias, Anastácia Pítsica, Anita Cintra e Nair Carone, no lanche São Nicolau, na casa de Déspina S. Boabaid.



Filóptokos



“Mãos que servem com amor, corações que sustentam a Igreja.”



Ano de 1998



Ano de 2000

Pioneiros da Colônia Grega de Florianópolis

A cada edição de Kaló Mina, recordaremos uma das famílias que, com sua fé, coragem e trabalho, lançaram as raízes da Colônia Grega de Florianópolis. Tomamos como fonte preciosa a obra de nosso saudoso Paschoal Apóstolo Pítsica, **Memória Visual da Colônia Grega de Florianópolis**, que reúne documentos, registros e lembranças da vida de nossos imigrantes.

Iniciamos esta série com a **Família Savas**, cujo nome se confunde com os primórdios da presença grega em nossa cidade. Capitães, comerciantes, médicos e líderes comunitários, os Savas deixaram uma marca profunda na história da colônia, edificando não apenas lares e negócios, mas também ajudando a firmar a identidade helênica em terras catarinenses.

Com gratidão a Deus e em memória de nossos antepassados, traremos, mês a mês, a história dessas famílias pioneiras — para que as novas gerações conheçam, honrem e deem continuidade à herança recebida.

A FAMÍLIA SAVAS

Entre os nomes que marcam os primórdios da Colônia Grega de Florianópolis, destaca-se a família **Savas**, cuja presença se confunde com as primeiras décadas da nossa comunidade. Navegação, comércio, serviço público, vida associativa e formação de novas gerações: por diversas frentes, os Savas ajudaram a firmar aqui a identidade helênica, transmitindo fé, trabalho e amor à pátria de origem.

CAPITÃO SAVAS NICOLAU SAVAS

Figura de referência (p. 41), o Capitão Savas Nicolau Savas simboliza o espírito empreendedor da imigração. Seu nome surge no início da narrativa como um ponto de ancoragem: liderança, disciplina e capacidade de organização. Em torno dele, outros membros da família aparecem, revelando continuidade e enraizamento.

OS RAMOS DA FAMÍLIA

O índice da Memória Visual registra diferentes ramos com o mesmo tronco familiar, mostrando que os Savas se distribuíram por profissões e responsabilidades variadas:

- **Miguel Savas** (p. 48) e **Miguel Nicolau Savas** (p. 50): testemunho de duas gerações que colaboraram na consolidação econômica e social da colônia.
- **Savas Nicolau Syridakis** (p. 50): elo que evidencia casamentos e alianças, tão característicos da história da imigração.
- **Estefano Nicolau Savas** (p. 103) e **Nicolau Estéfano Savas** (p. 105): nomes que revelam a continuidade do patronímico e a importância da transmissão de ofícios e responsabilidades.
- **Savas João Joanidis** (p. 135): presença do sobrenome em novas composições familiares, sinal do alargamento da rede helênica na cidade.

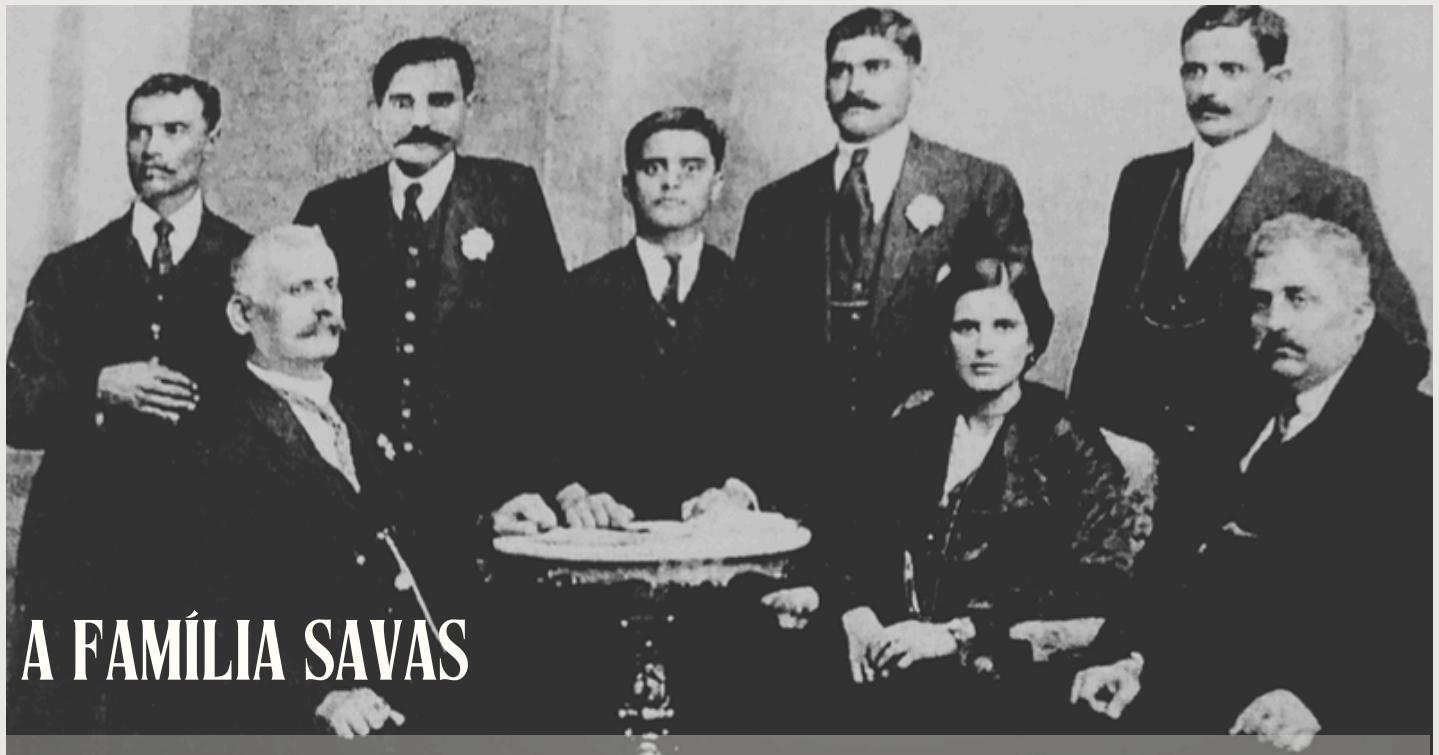
CONTRIBUIÇÕES

1. **Mar e comércio** — A experiência marítima foi porta de entrada e base de sustento para muitos helenos. Nos Savas, esse traço aparece como vocação e serviço à comunidade.
2. **Vida cívica e associativa** — A família transita por espaços de liderança, apoiando iniciativas de bem comum, educação e cultura.
3. **Memória e identidade** — Ao lado de outras famílias, os Savas ajudam a preservar a língua, os costumes, a fé ortodoxa e os laços com a Hélade, integrando-se com respeito à terra catarinense.

A história dos **Savas** lembra-nos que a colônia se construiu com fé, trabalho e união. Honrar os pioneiros é também educar os filhos para conservarem o que recebemos: temor de Deus, amor à Theotokos, respeito aos mais velhos, zelo pela língua e pela cultura, e compromisso com a cidade que nos acolheu.

Créditos/Fonte: Paschoal Apóstolo Pítsica, Memória Visual da Colônia Grega de Florianópolis (referências internas: pp. 41, 48, 50, 103, 105, 135).

⚓ Pioneiros da Colônia Grega de Florianópolis



Capitão Savas Nicolau Savas, sentado à esquerda, ao lado de seus sobrinhos, em Florianópolis, no ano de 1916. **Em pé** (da esquerda para a direita): Apóstolo Kosmos Comninos, Jorge T. Atherino, Kosmos Apóstolo Comninos, Miguel T. Atherino e Siriaco T. Atherino. **Sentados:** o Capitão Savas Nicolau Savas e o casal André e Maria Atherino.

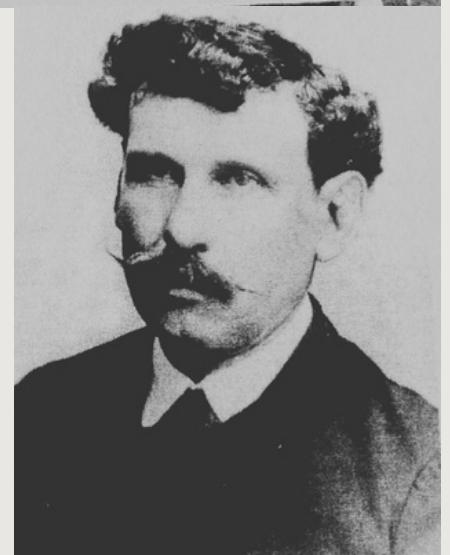
Miguel Nicolau Savas, irmão do Capitão Savas e de Estefano Savas (Barba Stéfanos), bem como de Kyrana e Anastacía. Eram cinco irmãos, filhos de Nicolau e Eudoquía Savas, que residiram na antiga Desterro entre 1889 e 1893 (ou início de 1894). Miguel, solteiro e sem descendência, permaneceu pouco tempo em Desterro, mas é considerado um dos pioneiros. Chegou em 1890, um ano depois da viagem do Capitão. Retornou posteriormente à Grécia, onde se casou com Panayota Tafrá, vindo a falecer em Kastelórizo.



Savas Nicolau Syridakis, ligado à família Savas, figura lembrada entre os pioneiros helenos de Florianópolis, mencionado na Memória Visual da Colônia Grega (p. 50).



Miguel Savas, filho único do Capitão Savas, discursando na Colônia Grega. À mesa: Teodoro Nicolacópulos (E), Teodoro Constantópulos, Miguel Kotzias, Miguel Savas, Icônomas Atherino (presidente), Emílio Jannis, Pantaleão Athanázio e Jean Jordanou.



Créditos/Fonte: Paschoal Apóstolo Pítica, Memória Visual da Colônia Grega de Florianópolis (referências internas: pp. 41, 48, 50, 103, 105, 135).

III Associação Helênica de Santa Catarina

28 de outubro: o Dia do «Óxi» (Não) da Grécia

Quando um povo disse “não” à tirania e “sim” à liberdade.



“Óxi” (Οχι, pronuncia-se “ó-ri”) é a palavra grega para *não*.

No dia 28 de outubro, a Grécia, Chipre e as comunidades helênicas pelo mundo recordam o momento, em 1940, em que o país recusou submeter-se às exigências do Eixo. Em Atenas e em cada cidade, escolas desfilam, bandeiras tremulam e a memória comum é renovada: liberdade não é um slogan — é um dom que se defende com coragem e sacrifício.

Na madrugada de 28 de outubro de 1940, o primeiro-ministro Ioannis Metaxas recebeu do embaixador italiano Emanuele Grazzi um ultimato do ditador Benito Mussolini: permitir a ocupação de pontos estratégicos gregos por forças do Eixo, ou enfrentar a guerra. A resposta formal de Metaxas foi em francês — “Alors, c'est la guerre” (“Então é guerra”) —, mas o coração do povo traduziu tudo numa só palavra: *Óxi!* Pouco depois, às primeiras horas da manhã, tropas italianas atacaram a fronteira a partir da Albânia. A Grécia entrou, assim, na Segunda Guerra Mundial.

O que se seguiu surpreendeu o mundo. Nas montanhas do Épíro e da Píndos, soldados gregos resistiram e contra-atacaram, empurrando as forças italianas para trás.

Foi a primeira vitória terrestre dos Aliados no conflito e, segundo muitos analistas, forçou a Alemanha a intervir nos Balcãs, alterando calendários de campanha e a atenção estratégica do Eixo. Mais do que números e mapas, porém, ficou a lição: um “não” claro ao abuso pode acender esperança para além das fronteiras.

Por isso o Dia do Óxi não é apenas feriado nacional: é a memória de um dever. Recordamos que dignidade, justiça e liberdade pedem vigilância. Para os cristãos, essa lembrança ecoa um chamado permanente: dizer “não” ao mal e “sim” à verdade, com mansidão e firmeza. Honramos os que tombaram e rezamos pela paz entre as nações, para que as próximas gerações celebrem desfiles e não lutos.

Como se celebra hoje:

- Desfiles estudantis e cerimônias cívicas em toda a Grécia.
- Igrejas cheias, com preces pelos que deram a vida pela pátria e pela paz mundial.
- Comunidades da diáspora (como a nossa) erguem a bandeira, cantam o hino e transmitem às crianças a história e os valores do 28 de outubro.

Pequena cronologia:

- 28/10/1940 (madrugada) – Ultimato italiano; resposta grega: “Então é guerra”.
- 28/10/1940 (manhã) – Invasão a partir da Albânia; a Grécia resiste.
- 1940–1941 – Contra-ofensiva grega; o Eixo redireciona forças para os Balcãs; Creta resiste heroicamente.
- Pós-guerra – O “Óxi” torna-se símbolo nacional de coragem e liberdade.

Para guardar no coração:

- Um povo unido, sustentado por fé e senso de dever, pode transformar um “não” em esperança para muitos. Que o Senhor nos conceda a paz e a coragem de sempre escolher o bem.

🏛️ Associação Helênica de Santa Catarina



HERDEIROS DE UMA FÉ, GUARDIÕES DE UMA TRADIÇÃO!

A Igreja São Nicolau e nossa Comunidade Ortodoxa são frutos do amor e sacrifício de gerações. Hoje é a nossa vez de cuidar desse tesouro espiritual e cultural.

Se ainda não é membro benemérito da Associação Helênica de Santa Catarina, faça parte desta missão.

Aponte a câmera de seu celular para o QR Code e vá ao formulário no site.



Ou use este link:
<https://igrejasaonicolau.org/ahsc/associe-se/>



Comunicado: Assembleia Geral da AHSC – Eleição de Nova Diretoria

Por motivo de força maior, a Assembleia Geral da Associação Helênica de Santa Catarina, prevista para 21 de setembro de 2025, não pôde ser realizada. Problemas de saúde impediram a presença do atual presidente, Sr. Filippos Kalabaris.

A Assembleia será remarcada para o mês de outubro, em data a ser oportunamente divulgada. Agradecemos a compreensão de todos.

A Diretoria

Pense nisso:

As árvores não se alimentam dos próprios frutos; o sol não ilumina a si mesmo; as flores não perfumam a si. Viver para os outros é lei inscrita na criação. Fomos feitos para socorrer uns aos outros, apesar das provações. A vida é boa quando experimentas alegria; torna-se melhor ainda quando alguém se alegra por tua causa. (autor anônimo)

Novos associados

Com alegria, saudamos os novos inscritos no último mês, que serão oportunamente apresentados para se tornarem membros efetivos da AHSC:

- Maykon Theodoro



14 de setembro: Exaltação da Santa e Vivificante Cruz

No domingo, 14 de setembro, nossa paróquia celebrou com grande devoção a solenidade da Exaltação da Santa e Venerável Cruz. Após os Ofícios de Preparação, às 9h teve início o *Orthros* da festa, seguido da Divina Liturgia, marcada pelos hinos e orações próprios do dia. Ao término, realizou-se, como de costume, a procissão com a santa Cruz, levada em bandeja ornada com manjericão e flores, ao centro a Cruz preciosa; seguiram-se as prostrações, acompanhadas do Triságion (“*Prostramo-nos diante da tua Cruz ...*”).



Na palavra final à comunidade, Pe. André recordou que “a Cruz precede a glória”: não há verdadeira vitória sem atravessarmos, com fé, as cruzes do nosso cotidiano. Denunciou ainda a violência que assola o mundo e a que se multiplica nas redes sociais, incitando ódio e divisão. Observou que, hoje, muitos “conhecem” pessoas distantes, mas não conhecem o vizinho ao lado: olhos fixos nas telas alimentam a lógica do “nós contra eles”. Rótulos como “direita” e “esquerda” não podem reduzir a dignidade cristã nem nos tornar presa fácil de manipulações.



Como exercício concreto de conversão, exortou que, sem substituir o jejum tradicional de quartas e sextas, acrescentemos um jejum do uso das redes e mídias que transformam a violência em espetáculo — para que, com sobriedade e caridade, busquemos a paz a que toda a humanidade é chamada. Paz a todos!





Domingo Após a Festa da Santa Cruz (21/09)

Com piedade e júbilo, celebramos neste domingo, 21, a apódosis (encerramento) da Festa da Exaltação da Santa e Vivificante Cruz, ocasião marcada por importantes acontecimentos na vida de nossa comunidade.

Juventude e vida Litúrgica

Na tarde de sábado, 20 de setembro, um pequeno grupo de jovens participou de um ensaio litúrgico, exercitando o convívio fraternal e aprofundando o vínculo com a vida da Igreja. Ao final, partilharam um lanche na Casa Paroquial, oferecido pelo Pe. André, em ambiente de comunhão e boa conversa.

Aniversário da Associação Helênica de Santa Catarina e Dia Nacional do Imigrante Grego

No domingo, 21, durante a Divina Liturgia, a comunidade elevou ação de graças pelo **142º aniversário (1883–2025) da Associação Helênica de Santa Catarina**. A data ganhou especial significado neste ano em que, pela primeira vez, celebramos o **Dia Nacional do Imigrante Grego**, instituído pela Lei nº 14.884/2024. A iniciativa reconhece e honra a coragem dos imigrantes helênicos e de seus descendentes na formação cultural da Ilha de Santa Catarina, reafirmando o legado dos primeiros gregos que, liderados pelo capitão Nicolau Savas, chegaram a Desterro (hoje, Florianópolis) em 1883 e aqui se estabeleceram.

Durante a Divina Liturgia, fizemos memória de nossos veneráveis e bem-aventurados fundadores, e de todos os que, com fé, coragem e determinação, lançaram aqui os alicerces da primeira coletividade helênica do Brasil, legando-nos um rico patrimônio cultural e espiritual.



Bodas de Ouro

Com gratidão, recordamos também as Bodas de Ouro do casal Alceu e Maria Atherino Neves, celebradas no dia 19 de setembro. O casal foi calorosamente homenageado durante a festa do 86º aniversário do Rotary Club de Florianópolis, da qual são queridos membros, reforçando seus laços de amizade e compromisso com a comunidade.

Recepção pela Unção Crismal

Com grande alegria, nossa comunidade acolheu Jussara Rachadel pela Unção Crismal, que passa a adotar o nome cristão **Catarina**, em honra a Santa Catarina de Alexandria. Esposa de Nectários e mãe de Damaskinos Rachadel, Catarina, com sua família, integra plenamente nossa comunidade, participando da vida sacramental da Igreja.

Palavra pastoral: a Cruz vivida

Na homilia, o Pe. André convidou a contemplar a Cruz não apenas como símbolo venerado, mas como chamado à transformação pessoal:

“Ontem venerávamos a árvore da vida; hoje, pela Palavra, somos enxertados na sua seiva — chamados a negar o que em nós desfigura a imagem do Criador, tomar a nossa cruz e seguir.”

E concluiu exortando a exemplo da Theotokos aos pés da Cruz: aos três verbos do Evangelho — **negar-se, tomar a cruz e seguir** — unamos um quarto, silencioso e fiel: **permanecer**.

Ofício Mnimósino

No Domingo, 12 de outubro, será celebrado o *Mνημόσυνο* (Mnimósino) pelos nossos saudosos DR. SAVAS APÓSTOLO PÍTSICA, na passagem do 2º ano de seu adormecimento no Senhor (Florianópolis, 02/10/2023), e D. VILMA DE LOURDES CARDOSO, recordando a passagem do 4º ano de sua Páscoa para o Senhor (Florianópolis, 13/10/2021).

No domingo seguinte, 19 de outubro, recordaremos o 6º aniversário do adormecimento de nosso saudoso SR. EFSTATHIOS GEORGIOS ANASTASIADIS, ocorrido em Laguna, em 19/10/2019. Roguemos ao Cristo Ressuscitado que conceda às suas almas repouso entre os justos e consolo aos familiares.



Ensaio litúrgico e acolhimento



Na tarde de sábado, 27 de setembro de 2025, a Igreja São Nicolau acolheu mais um momento precioso de vida comunitária. Jovens membros do grupo de canto litúrgico ***Psaltikon*** reuniram-se para um ensaio completo da Divina Liturgia, desde a Doxologia até a Despedida. **Contamos com a presença afetuosa e a valiosa colaboração de Lylian**, cuja dedicação muito enriqueceu o encontro.

Foi uma oportunidade para aprofundar o resgate do modo tradicional de cantar a Liturgia nesta comunidade, mantendo viva a herança musical que embala a oração dos fiéis.

Neste mesmo dia, tivemos a alegria de receber **Ubiratã**, jovem vindo de Criciúma, que inicia agora sua preparação catequética com vistas à entrada na comunhão da fé ortodoxa em nossa paróquia.

Encerrando o encontro, todos foram fraternalmente acolhidos pelo pe. André na casa paroquial, para um lanche partilhado com canto e alegre convívio. Houve até quem ousasse dedilhar um violão de cinco cordas, dando tom descontraído ao fim de tarde.

Damos graças a Deus por mais este momento de comunhão e edificação no seio de nossa comunidade São Nicolau.



Divina Liturgia – último domingo de setembro (I do ciclo de S. Lucas)

O I Domingo do ciclo do Evangelho de São Lucas foi celebrado neste dia 28 em nossa Igreja São Nicolau. Na homilia, Pe. André destacou o apelo de São Paulo — “Agora é o tempo favorável” (2Cor 6,2) — e a resposta de Pedro — “Sobre a tua palavra, lançarei as redes” (Lc 5,5). Indicou a sinergia entre graça oferecida e obediência confiada, convidando-nos a fazer-nos ao largo na caridade concreta.

Vivendo a Ortodoxia



Pequenas luzes para quem começa a trilhar este caminho de fé



POR QUE ACENDEMOS VELAS?

Acender uma vela na Igreja não é superstição nem “troca” com Deus. É um gesto antigo e nobre: a vela representa quem a acende, consumindo-se diante do Senhor como pequena oblação — um “holocausto em miniatura” de fé, adoração e entrega.

A chama proclama que Cristo é a Luz do mundo. Por isso, no coração do Ano Litúrgico, a Vigília pascal começa com o convite: “Vinde, tomai luz da Luz sem ocaso...”, e toda a assembleia sai em procissão com velas acesas para anunciar a Ressurreição. Assim a Igreja confessa, com sinais visíveis, o mistério pascal que nos ilumina.

O mesmo simbolismo resplandece no Batismo, chamado “sacramento da iluminação”: depois da tríplice imersão, acendem-se as velas e proclama-se: “Bendito seja Deus que ilumina e santifica todo homem...”. A vida nova começa na Luz e se orienta para a Eucaristia.

Porque somos corpo e alma, Deus nos educa por sinais visíveis: o próprio Senhor serviu-Se de pão e vinho, água e óleo; assim, a Igreja recorre também à matéria — velas, incenso, ícones — para que, pelo que é sensível, o coração alcance o invisível. Diante do altar, as velas significam, de um lado, a nossa oblação que se consome; de outro, proclamam Aquele que Se oferece por nós e é a “Luz do mundo”.

A prática tem raízes bíblicas: desde o candelabro do Santuário, mantido continuamente aceso (Lv 24), até a promessa de Isaías — “o povo que andava nas trevas viu uma grande Luz” — e o cântico de Simeão em Jerusalém; no Evangelho, o próprio Senhor declara: “Eu sou a Luz do mundo”.

Quando cada fiel acende a sua vela, a oração pessoal se une à oração da Igreja. Não há “efeito mágico”: a vela não substitui a oração, a conversão e a participação nos Santos Mistérios; ela os prepara e acompanha, como gesto humilde de fé.



Por fim, a vela acompanha toda a vida cristã: guarda-se a vela do Batismo e acende-se em dias santos; ilumina o matrimônio e a ordenação; e brilha na hora derradeira, confessando que Cristo guia nossos passos até a Vida eterna.

Em suma: uma vela acesa é evangelho em miniatura — luz recebida de Cristo, oferecida a Deus, que nos chama a viver iluminados na comunhão da Igreja.



O SANTO BATISMO

O Batismo é a porta dos Santos Mistérios: nele nascemos “da água e do Espírito” (Jo 3,5), somos enxertados na morte e ressurreição de Cristo (Rm 6,3-4) e nos tornamos membros vivos do seu Corpo, a Igreja. É, pois, novo nascimento, iluminação e banho de regeneração (Tt 3,5). A partir dele, toda a vida cristã se comprehende como caminho pascal rumo ao Reino.

1) O nome cristão e o “oitavo dia”

Na tradição ortodoxa, a criança recebe o santo nome no oitavo dia de seu nascimento. Não se trata de formalidade: o nome manifesta a pessoa única e irrepetível, e a Igreja o confere já orientando a vida para o Reino — o oitavo dia, sinal do tempo novo inaugurado pela Ressurreição do Senhor. Por isso, a “imposição do nome” é uma bênção que indica a meta da existência: a união com Deus, que se cumpre sacramentalmente no Batismo, Crisma e acesso à Eucaristia.

O sentido pastoral

- Escolher nome de santo ajuda a criança (e a família) a viver sob um padroeiro cuja vida é modelo e intercessão.
- A Igreja trata o recém-nascido como pessoa inteira, acolhendo-o na oração e destinando-o ao caminho eclesial.

2) O que o Batismo realiza

- Morte do “homem velho” e nascimento no “homem novo”: pela tríplice imersão, descemos com Cristo ao sepulcro e ressurgimos com Ele.
- Remissão dos pecados e dom do Espírito Santo (selado imediatamente no Santo Crisma).
- Incorporação à Igreja: não é ato privado, mas nascimento no Povo de Deus que celebra e caminha rumo ao Reino.

3) Como a Igreja batiza

- Exorcismos e renúncia a Satanás (voltados para o ocidente), seguidos da união com Cristo (voltados para o oriente) e da profissão do Símbolo da Fé.
- Bênção da água e unção com o óleo dos catecúmenos.
- Tríplice imersão: “Batiza-se o (a) servo(a) de Deus, N., em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.”
- Santo Crisma: “Selo do Dom do Espírito Santo.”
- Veste branca e tonsura (consagração do princípio da vida a Deus).

- Entrada na assembleia e primeira Sagrada Comunhão — porque o neófito já pertence ao Corpo e participa da vida plena da Igreja.



4) Do Batismo à Eucaristia: viver o “oitavo dia”

Os Santos Mistérios são uma única economia de salvação. O Batismo orienta imediatamente à Divina Liturgia, “festa por excelência”, na qual Cristo Se dá e a Igreja vive. Celebrar significa ir à Igreja, participar da Santa Eucaristia e comungar do Corpo e do Sangue do Senhor: assim o tempo se transfigura e a vida se torna Páscoa contínua.

5) Notas pastorais (para nossas famílias e padrinhos)

- **Padrinhos:** não são meras testemunhas sociais; assumem corresponsabilidade pela formação ortodoxa do afilhado.
- **Domingo após o Batismo:** a família deve trazer o neófito à Sagrada Comunhão, continuando depois com fidelidade.
- **Aniversário de Batismo:** é bom celebrá-lo com oração e, se possível, comunhão, renovando as promessas.
- **De casa à Igreja:** a vida batismal floresce no ritmo da oração, dos jejuns, da caridade e da participação frequente na Divina Liturgia — pois “a festa cristã é a própria existência da Igreja”, onde a alegria da salvação se torna experiência viva.



Palavras da Tradição

Um glossário com a linguagem da fé ortodoxa

Nossa Liturgia é escola de vida em Cristo. Os termos abaixo aparecem em momentos centrais da celebração dominical. Ao conhecer sua origem e sentido, aprendemos a participar com mais atenção, piedade e caridade, unindo nossa voz à da Igreja inteira.



1. Antífonas (ἀντίφωνα, antíphona) — Versículos de salmos com refrões no início da Divina Liturgia. Nota pastoral: Responder com devoção desde o começo.

• Pequena Entrada (μικρὰ εἰσόδος, mikrá eíodos) — Procissão com o Santo Evangelho na Liturgia da Palavra. Nota: Todos de pé para acolher a Palavra.

• Grande Entrada (μεγάλη εἰσόδος, megálē eídos) — Procissão com os Dons para o Altar. Nota: Oferecer nossa vida com o pão e o vinho.

• Querúbico (Χερουβικὸς ὑμνος, cherubikós hymnos) — Hino: “Nós que misticamente representamos os Querubins...” Nota: Silêncio interior e atenção.

• Proskomidi/Próthesis (Προσκομιδή) — Rito de preparação dos Dons na próthesis; corte do Amnós. Nota: Ofertas e intercessão pelos vivos e defuntos.

• Anáfora (ἀναφορά, anaphorá) — Núcleo eucarístico (Prefácio, Santo, anamnese e epíclese).

• Epíclese (ἐπίκλησις, epiclesis) — Invocação do Espírito Santo sobre os Dons e sobre o povo. Nota: “Teu Espírito Santo desça sobre nós...”

• Antimínσion (ἀντιμήνσιον) — Tecido com relíquias e assinatura do bispo; altar portátil. Nota: Comunhão com bispo e mártires.



• Asterískos (ἀστερίσκος) — “Estrelinha” metálica que sustenta o véu sobre o pão no *dískos*. Nota: Memória da estrela de Belém sobre o Cordeiro.



• Prosfhorá (προσφορά) — Pão ofertado do qual se retira o *Amnós* para a consagração. Nota: Famílias podem oferecer prosfhorá.



• Amnós (ἀμνός) — O quadrado do pão (Cordeiro) retirado da prosfhorá para a Eucaristia.

• Artoklasía (ἀρτοκλασία) — Bênção de cinco pães, trigo, vinho e óleo nas festas. Nota: Ação de graças comunitária.



• Aghiasmós (Agua Benta) (ἀγιασμός) — Rito de bênção da água (grande/pequena).

• Doxologia (δοξολογία) — Pequena/Grande “Glória a Deus” nas Horas/Matinas.

• Koinonikón (Κοινωνικόν) — Hino cantado durante a Comunhão. Nota: Comungar com dignidade e silêncio orante.

Nota final. A compreensão dessas palavras serve à unidade do coração na Liturgia: “com um só coração e uma só voz” elevamos a glorificação a Deus.

Contos & Narrativas de Kastelórizo

Christina Efstratiadou

Contos da Ilha – II

A Panagia do Chorafió



Quando se deixava o porto e o centro da vila em direção aos campos, erguia-se diante do caminhante uma pequena igreja, escondida entre as de São Constantino e São Jorge: a singela e humilde Panagia do Chorafió. Era um templo sem colunas majestosas como as de São Constantino, nem a imponência arquitetônica de São Jorge.

Mas possuía algo que a todos atraía: um brilho escondido, uma esperança doce e misteriosa. Era, como diziam, a igreja dos pobres, dos sofredores, dos que vinham buscar consolo.

Ali, a vida se encontrava com a fé em sua forma mais pura. As mulheres com seus filhos, vestidas modestamente, os homens com roupas de trabalho marcadas pelo uso, os idosos com seus cajados, todos se reuniam lado a lado sem distinções. Não havia luxo, mas havia comunhão. Não havia abundância, mas havia partilha.

Na Panagia do Chorafió, cada lágrima encontrava acolhimento. As orações brotavam simples e diretas, como se fossem mais fortes que as palavras dos doutores. Cada pequeno pedido, cada súplica, era depositado diante da Mãe de Deus com confiança ilimitada.

O velho padre Varavális, pároco da Panagia, conhecia de memória as dores e alegrias do seu povo. Homem de rosto sereno, voz firme e coração compassivo, celebrava sempre com o mesmo fervor. Nunca se cansava de repetir o Evangelho e, entre lágrimas e cânticos, exortava:
— “Façam o bem, meus filhos, e confiem em Cristo e na Theotokos!”

As homilias eram curtas, cheias de exemplos da vida diária. Falava da esperança como quem falava do pão, da paciência como quem ensinava a semear. E quando terminava sua palavra, o povo levava consigo não apenas o consolo, mas também uma direção segura para a vida.

Assim, a Panagia do Chorafió permaneceu como sinal de humildade e de consolo no coração da ilha. Não era grande, nem ornamentada, mas era riquíssima em fé, esperança e ternura.

E até hoje, quem pisa naquele chão sente que os cânticos antigos ainda ecoam, trazendo à memória a simplicidade luminosa de uma fé que unia todos: a fé dos pobres, a fé verdadeira.

 Nota: A Panagia do Chorafió (“Nossa Senhora do Campo”) era uma das igrejas mais queridas do povo de Castelorizo, conhecida como o santuário dos pobres e dos sofredores, onde todos se reuniam sem distinção para encontrar consolo junto à Theotokos.

1. Χριστούγεννα (Natal)
2. Ένα κοριτσάκι θυμάται (Uma menininha lembra)
3. Τα προσκυνήματα (As peregrinações)
4. Τα σπίτια μας (Nossas casas)
5. Τα παθήματα μιας μικρούλας στην εβδομάδα των παθών (Os sofrimentos de uma pequenina na Semana da Paixão)
6. Οι μαργαρίτες (As margaridas)
7. Οι γιάτρισσες (As enfermeiras)
8. Οι μετανάστες (Os migrantes)
9. Οι καλατσαγγαριές (As Kalatsangariés – termo local usado no original)
10. Τα σκουλαρίκια (Os brincos)
11. Ο Αφύλακας (O Desprotegido)
12. Η κόκκινη ομπρέλα (O guarda-chuva vermelho)
13. Το φίδι (A cobra)
14. Μια ιστορία (Uma história)
15. Πρόσωπα της πατρίδας μας (Figuras da nossa pátria)
16. Ο Αναστάσης ο φαρμακοποιός (Anastásis, o farmacêutico)
17. Βαρθολομαίος Κοντός (Bartolomeu Kondos)
18. Ηλίας Γ. Φτουράς – Ένας Παπαδιαμάντης του νησιού μας (Ilías G. Ftourás – Um Papadiamantis da nossa ilha)
19. Γυναίκες του νησιού μας (Mulheres da nossa ilha)
20. Η Πούλα Παπαδιά (A Poula Papadia)
21. Μνήμες καλοκαιριού (Memórias de verão)



Receitas do Kalimera

Sabores da tradição grega em nossa mesa

MACARRÃO AU GRATIN — Ao estilo grego (sem carne)

INGREDIENTES:

- 500 g de macarrão (penne, parafuso ou bucatini curto);
- 1 ½ xícara de queijo ralado (kefalotyri/gruyère/meia-cura);
- 3 ovos;
- ½ xícara de manteiga (para envolver o macarrão);
- 4 xícaras de leite;
- 8 colheres (sopa) rasas de farinha de trigo;
- 4 colheres (sopa) de manteiga (para o molho);
- 2 colheres (sopa) de farinha de rosca (opcional);
- Sal e pimenta a gosto.



MODO DE PREPARO:

Cozinhe o macarrão em água bem salgada até al dente; escorra e envolva com ½ xícara de manteiga. Molho: derreta 4 colheres (sopa) de manteiga, junte a farinha, mexa 1–2 min e adicione o leite aos poucos até encorpar; tempere. Bata os ovos, “tempere” com 1 concha do molho quente e volte aos poucos ao molho mexendo. Em forma untada, polvilhe farinha de rosca (opcional), faça camadas de macarrão, molho e queijo; finalize com molho + queijo. Leve ao forno a 180 °C por 25–30 min, até dourar. Sirva imediatamente.

ARNÍ — Cordeiro Fricassê (com Avgolemono)

INGREDIENTES:

- 2 kg de cordeiro (pernil em cubos);
- 3 cebolas grandes em rodelas;
- 1 talo de aipo fatiado;
- 2–3 ramos de erva-doce (folhas/caules macios) picados;
- 2 colheres (sopa) de manteiga ou azeite;
- Sal e pimenta a gosto;

Para o avgolemono:

- 2 ovos;
- Suco de 1 limão;
- 2 xícaras do caldo do cozimento;
- 1 colher (chá) de amido (opcional).

Modo de preparo:

Doure o cordeiro na gordura, tempere. Junte cebola, aipo e erva-doce, cubra com água quente e cozinhe em fogo baixo até macio (~1h30). Meça 2 xícaras do caldo. Bata os ovos, junte o suco de limão e tempere com o caldo quente aos poucos, mexendo sempre. Desligue o fogo da panela, incorpore o avgolemono e mexa até espessar levemente (não ferver depois). Sirva imediatamente.



TYROPIÁKIA — Tortinhos gregos de queijo

INGREDIENTES (Recheio):

- 250 g feta esmigalhado
- 250 g ricota integral
- 50 g parmesão ralado
- 2 ovos batidos • 1 c.s. azeite
- Pimenta-do-reino a gosto
- 1 c.s. hortelã (ou endro) picada



(Montagem)

- 1 pacote massa filo (≈ 340 g)
- 1 xíc. manteiga derretida

MODO DE PREPARO:

- **Recheio:** Misture todos os ingredientes até ficar homogêneo.
- **Filo:** Corte as folhas em 3 tiras no sentido do comprimento; mantenha cobertas com pano úmido.
- **Dobrar:** Sobreponha 2 tiras pinceladas com manteiga. Coloque 1 c.s. de recheio na base e dobre em triângulo até o fim, pincelando manteiga nas dobras.
- **Assar:** Disponha em assadeira forrada, pincele o topo com manteiga e asse 25–35 min (até dourar e ficar crocante).
- **Servir:** Quentes ou em temperatura ambiente.
- **Dica:** congele montadas (cruas) por até 1 mês; asse diretamente do freezer, acrescentando 5–10 minutos.

TZATZÍKI — Coalhada/iogurte com pepino e hortelã

INGREDIENTES:

- 1 xícara de coalhada seca ou iogurte grego escorrido;
- ½ pepino sem casca, ralado grosso (ou picado miúdo);
- 1 dente de alho amassado;
- 1 colher (sopa) de azeite de oliva;
- 2 colheres (sopa) de hortelã fresca picada (ou endro);
- Sal e pimenta a gosto;



Modo de preparo:

Esprema o pepino para retirar o excesso de água. Misture a coalhada/iogurte com azeite e alho; junte o pepino e a hortelã; tempere. Leve à geladeira por 30 minutos e sirva frio, com pão pita ou como meze.

Kali Orexi! (Bom apetite!)

Você sabia?

Curiosidades que atravessam os séculos e surpreendem

▣ Frutos “bíblicos”

A Bíblia cita amêndoas e pistaches (Gn 43,11). Amendoim não é bíblico (planta americana). Sal aparece dezenas de vezes.



🎂 Aniversário compartilhado



Em média, ~22 milhões de pessoas no mundo fazem aniversário na mesma data que você.

👣 Quanto caminhamos?

Ao longo da vida, uma pessoa moderadamente ativa percorre ~100–150 mil km (ordem de grandeza).



🤝 Aperto de mãos na Antiguidade



Apertar as mãos costumava ser uma forma de mostrar que alguém estava desarmado.

✿ Quanto da vida conhecemos?

Estimam-se ~8–11 milhões de espécies; ~1,5–2 milhões descritas. Ou seja, ~10–20% conhecidas.



🥦 Ervilhas antiquíssimas



Entre os vegetais cultivados mais antigos: ervilhas domesticadas no Crescente Fértil há ~10–11 mil anos.



🏅 Atletas & óleos

Vencedores eram coroados com oliva, louro, aipo ou pinho; já o endro perfumava óleos de massagem atlética como tônico/emoliente.

🌿 Ervas na mesa grega

Salsa (petrosélinon) e endro (ánithon) são onipresentes na culinária helênica — muitas vezes com azeite + limão.

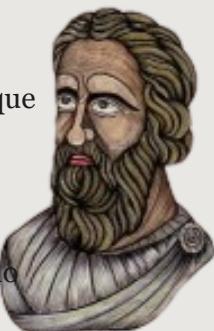
♠♥♦♣ Reis do baralho

Os Reis de Espadas, Paus, Ouros e Copas remetem a Davi, Alexandre, o Grande, Júlio César e Carlos Magno, mas essas associações variaram por tempo e região.



▣ “Diabetes” é grego

Vem de diabētēs (“sifão; o que atravessa”). Areteu da Capadócia (sécs. I–II) descreveu a doença com precisão; autores antigos atribuem o termo a Apolônio de Mênfis (séc. III a.C.).



⌚ 12) Relógios & ponteiros

Os relógios mecânicos medievais marcavam sobretudo as horas; o ponteiro dos minutos só se difunde após c. 1650–1680 (com a precisão do pêndulo), e o dos segundos, no fim do séc. XVII.



Fonte: sansimera.gr

ANTIGAS E HISTÓRICAS



🏅 Raízes da Democracia:

A democracia e os fundamentos da filosofia ocidental nasceram na antiga Atenas.

🏅 Jogos Olímpicos:

Inspirados nos jogos de Olímpia, os primeiros Jogos Olímpicos modernos ocorreram em Atenas, em 1896.

▣ Saltos altos? Proibidos em sítios:

Desde 2009, saltos finos são vetados em certos sítios arqueológicos gregos (para proteger o mármore).

🏅 ~6.000 ilhas; ~227 habitadas:

O território grego inclui ~6.000 ilhas/ilhéus; cerca de 227 têm população permanente.



Pandora e o mistério da esperança (ἐλπίς)

Depois de Prometeu, a memória antiga nos conta que Zeus, irado com a benevolência do titã para com os mortais, fez surgir Pandora — dom fascinante e ambíguo. Em suas mãos, um vaso (*πίθος*) guardava algo que os homens ainda não conheciam plenamente. Quando Pandora o abriu, escaparam dores, doenças, fadigas, invejas... Ficou, porém, a esperança (ἐλπίς).

Os antigos discutiram se a esperança permaneceu retida no vaso ou resguardada para os homens. A ambiguidade é pedagógica: quando o coração se fecha, a esperança pode parecer cativa; quando se abre ao Bem, a esperança se revela dom. À luz de Cristo, compreendemos: a esperança verdadeira não é um sentimento incerto, mas virtude teologal, sustentada pelo próprio Deus. “A esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5,5). Não se trata de frágil positividade, mas de graça que ancora a alma (cf. Hb 6,19).

A narrativa de Pandora, portanto, não legitima um destino cruel, mas desvela a tensão do humano entre ferida e promessa. O Evangelho responde elevando a promessa: não apenas “resta” esperança; vem a Esperança ao nosso encontro.

O Logos eterno entra na história e, pela Cruz e Ressurreição, faz nascer em nós uma “esperança viva” (1Pd 1,3). O que a memória antiga pressentiu como sombra, a fé cristã conhece como presença.

Na tradição da Igreja, chamamos a Santíssima Theotokos de “Esperança dos cristãos”: nela, a promessa se fez carne; nela, a humanidade ofereceu livremente o “sim” que abriu o vaso do mundo não para males, mas para a Graça. Sob o seu véu — memória celebrada em outubro, em muitas Igrejas — aprendemos que a esperança cristã é humilde, perseverante, concreta. Não viola a liberdade, não banaliza a dor, mas sustenta o caminhar: “na tribulação, a perseverança; na perseverança, a virtude provada; e, na virtude provada, a esperança” (cf. Rm 5,3-4).

Se Pandora, com um gesto imprudente, expôs a fragilidade humana, Cristo, com obediência amorosa, recompôs o coração do mundo. E se a antiga história deixou a ἐλπίς como resto precioso, o Evangelho nos dá a Esperança como Pessoa: Aquele que “é” (cf. Jo 8,58) e que, vindo, não decepciona.

“Tudo o que foi dito de belo por qualquer um pertence a nós, os cristãos.”

— São Justino, Apologia I, 46

Na edição de novembro, em “Ecos do Olimpo”: Orfeu e Eurídice. O amor que tenta vencer o Hades revela a nostalgia do Paraíso e o perigo de fixar-se no passado.



À luz de Cristo, o canto se transforma em perseverança: “Quem pôs a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus” (Lc 9,62; cf. Fl 3,13-14). Uma reflexão sobre memória, vigilância do coração e esperança que não decepciona.



Καλό μήνα